

PRÓLOGO

Quando nasci, deixaram-me numa encosta. O rei declarara: «Se for rapariga, abandonem-na na montanha», e foi assim que uma alma desfavorecida se viu ordenada a levar do palácio este indesejado fragmento de humanidade: uma bebé em vez do glorioso herdeiro que o rei desejara.

Deixada na terra despida, suponho ter uivado até os meus diminutos pulmões perderem a força. Ou, talvez, ali tenha permanecido, inerte, por entre os soluços e o medo, vendo-a a aproximar-se. Uma mãe urso, as crias ainda cegas e de pelagem humedecida, atraída pelo som lamurioso de uma recém-nascida deixada ao relento, a sua ansiedade maternal ainda intensa.

Gosto de imaginar que levantei o olhar para esta mãe urso e o mantive firme. Que não estremeci quando senti o calor da sua respiração ou o afago áspero da sua pata. A preocupação dela deve ter sido demasiado forte e, incapaz de suportar o som de um bebé esfomeado, pegou em mim e levou-me consigo.

Cresci forte graças ao leite de urso. Aprendi a lutar com os meus irmãos ursos, brigas turbulentas e sem tréguas. Nunca chorei quando as garras ou dentes me fendiam a pele ou quando rosnavam e saltavam para cima de mim. Em resposta, torcia os dedos na sua pelagem, puxava-os para o chão e mordia-lhes o flanco com todas as minhas forças. Quando a noite chegava, aconchegávamo-nos num

amontoado de membros humanos e ursinos no nosso ninho cálido feito de folhas e terra, as solas macias das suas patas pousadas sobre a minha pele queimada pelo Sol e a aspereza húmida das suas línguas contra o meu rosto.

As estações passaram-se e, desmamados do leite da mãe, começaram a caçar sozinhos, hesitantes ao início, empoleirados precariamente sobre rochas escorregadias no rio bravio que atravessava a floresta. Sentada de pernas cruzadas na margem coberta de erva, observava a água à espera do brilho fugidio das escamas dos peixes, como eles faziam, rindo-me das patadas desastradas e dos salpicos que os deixavam enlameados. Nas primeiras vezes, a mãe ursa ficava por perto, atenta às crias. Porém, conforme a confiança deles florescia, começou a afastar-se cada vez mais. Farejou o ar, os olhos fixos nas colinas inclinadas, a sua atenção distante de nós, capturada por outra coisa.

As crias perceberam antes de mim. Dispersaram antes de ele aparecer, um macho enorme à procura de acasalamento. Esconderam-se nas árvores quando o urso, caminhando tropegamente, desceu a montanha, vindo de alguma gruta distante até onde tinha chegado o cheiro da mãe ursa na brisa fresca da primavera. Um convite irresistível para este monstro que, empinado nas patas traseiras, parecia chegar à altura das próprias árvores. O rosnar ruidoso que lhe saiu da garganta parecia os trovões que haviam agitado os ramos enquanto dormia em segurança no meio das crias durante aquele inverno.

A mãe ursa também o pressentiu. Num ápice, o tempo que o vento leva a voltar-se sobre si mesmo, mudou de postura. Veloz, abrupta e inevitável. O seu abraço carinhoso transformou-se em rosnados e golpes. Se alguma das crias a olhava ansiosamente antes de fugir rumo à segurança dos ramos mais altos, ela investia na sua direção, afugentando-a. Atrás de uma rocha, estremei, sentindo a rajada quente do seu aviso rugido. A única mãe que alguma vez conheci na minha curta vida tinha desaparecido, substituída por algo terrível.

A mãe urso deixou que o macho a seguisse. De onde estava escondida, vi a grande cabeça dele encostar-se-lhe ao pescoço e ela a acarinhá-lo.

A agitação das crias mirrou aos poucos, até que, uma por uma, desceram das árvores. Assisti aos meus irmãos e irmãs a seguirem o seu caminho separadamente pela floresta, depressa engolidos pelos gigantescos troncos e ramos viçosos.

Desorientada, também segui caminho, andando sem rumo por entre as árvores, e passado um tempo as lágrimas tinham secado e a respiração acalmado. Sabia onde estava, e caminhar na familiaridade da floresta era tranquilizante. Filtrado pelas folhas, o ar parecia ter tons verdes e dourados, rico com o aroma a pinho, a cipreste e a terra escura e macia. Uma aranha gorda acocorava-se no centro da teia, entre dois ramos, o corpo castanho e peludo e com patas listadas quase invisível contra a casca da árvore. Uma serpente disparou em frente, enrolando-se numa espiral protetora, o reflexo diamantino das escamas cintilante nas partes tocadas pelos raios de Sol. Nos locais em que as árvores eram parcas, nas encostas mais elevadas da montanha, caçavam leões, melífluos e silenciosos por entre arbustos desiguais e afloramentos rochosos. Uma floresta repleta de dentes e garras afiados, revestidos de veneno, pulsando com vida e beleza. Na sua vastidão, uma miríade de linhas interligadas em ziguezague: das raízes antigas que sugam a água das profundezas da terra para que as árvores possam erguer as suas copas em direção ao Sol aos insetos que escavam o seu caminho por entre as gretas profundas da casca das árvores, até aos pássaros aninhados nos galhos, aos veados que saltitam gentilmente e aos predadores que se preparam para saltar sobre as suas presas.

E, no centro de tudo, estava eu.